

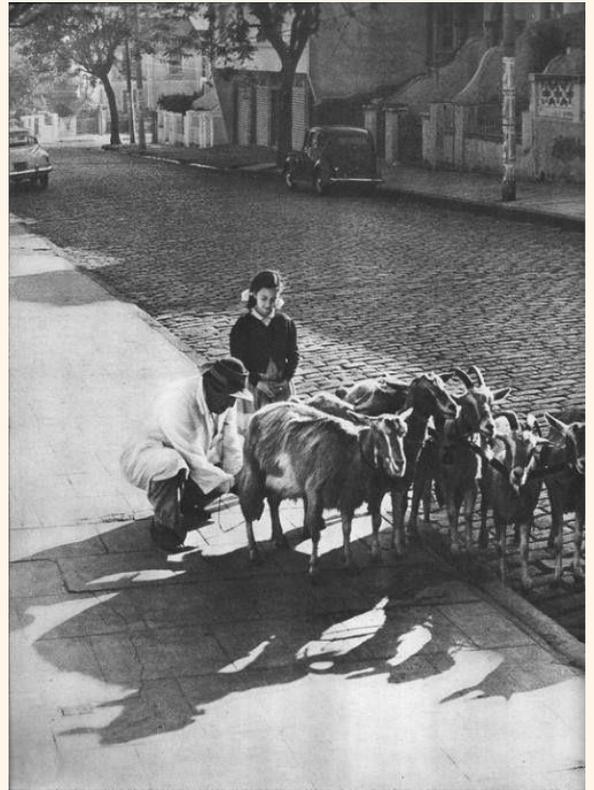
ANTIGAS PROFISSÕES (I)



ANTIGAS PROFISSÕES (II)



ANTIGAS PROFISSÕES (III)



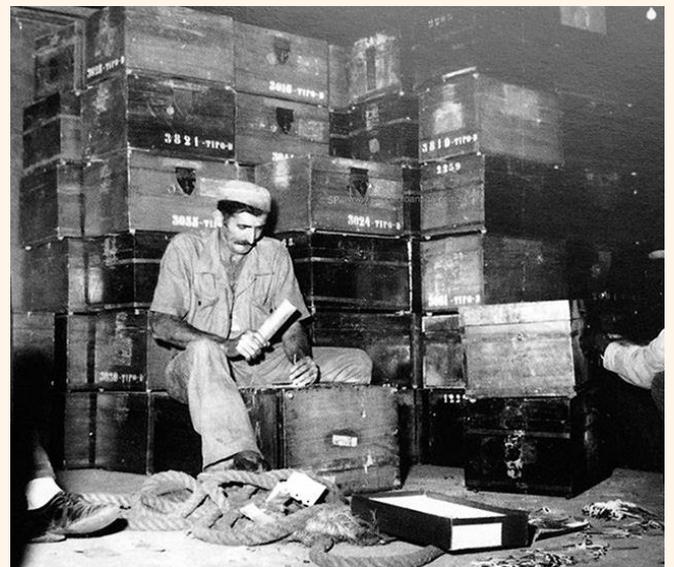
ANTIGAS PROFISSÕES (IV)



ANTIGAS PROFISSÕES (V)



ANTIGAS PROFISSÕES (VI)



ANTIGAS PROFISSÕES - DESCRIÇÃO

Acendedor de lampiões

A iluminação a gás foi introduzida no Brasil em 1854 por Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá, iniciando-se pelo Rio de Janeiro, capital do país. Substituiu a iluminação com óleo de baleia existente desde o século XVIII. Em São Paulo, a iluminação a gás começou em 1863 ao redor da Catedral da Sé, no centro. Poucos anos depois, o mesmo ocorreu em outras capitais. Todos os dias, ao final da tarde, os acendedores de lampiões saíam levando uma vara especial usada para acender a chama; uma escada podia ser necessária para os postes mais altos. A luz era acessa manualmente, poste por poste. Ao amanhecer, eles voltavam às ruas para apagar os postes e fazer a manutenção do bico de gás e a limpeza dos vidros. Nas noites de lua cheia, quando era possível aproveitar a luz natural, os acendedores eram dispensados de sua função.

As primeiras experiências com lâmpadas elétricas ocorreram em 1879 com a iluminação da estação ferroviária Central do Brasil, no Rio de Janeiro, o primeiro prédio iluminado por luz elétrica no Brasil. Somente em 1906 a iluminação elétrica começou a se expandir nas ruas e nas residências. Durante muitos anos, porém, os dois sistemas coexistiram. Em 1933, no Rio de Janeiro, e em 1936, em São Paulo, foram apagados os últimos lampiões a gás e, com eles, acabou a função dos acendedores.

Amolador ambulante de faca e tesoura

Ele percorria as ruas com uma roda montada numa estrutura de madeira. Com um pedal, ele acionava a roda e ela transmitia o movimento à roda de esmeril onde era afiada faca, facão, a tesoura ou outro objeto de metal. Sua presença era anunciada por um apito ou gaita que o amolador tocava, repetindo as mesmas notas, que podiam ser ouvidas longe para atrair a freguesia.

Calceteiro

Trabalhador que calça ruas com pedras ou paralelepípedos, ou que reveste as calçadas com as chamadas pedras portuguesas. No Brasil, este trabalho foi introduzido pelos portugueses e uma das calçadas mais conhecidas é de Copacabana com pedras pretas e brancas formando ondas. Atualmente a maioria das cidades tem suas calçadas cobertas por asfaltos, uma técnica mais barata, porém nem tão bonita.

Telegrafista

Profissional especializado na operação do telégrafo, um equipamento de comunicação a distância que transmite e recebe mensagens por meio de impulsos elétricos e usando um código próprio. O(a) telegrafista tem conhecimento desses códigos de transmissão que utiliza pontos e traços. Decodificada a mensagem, ela é impressa em tiras e colada em um papel – o telegrama – que é, então, enviado ao destinatário. O telégrafo continua sendo usado apesar de hoje existirem meios mais modernos e rápidos de comunicação como o rádio, o telefone e a internet.

Datilógrafa(o)

Profissional que escrevia à máquina e era treinado para teclar rapidamente, sem erros, com as duas mãos e sem olhar para as teclas. A máquina de escrever mecânica, isto é, de acionamento manual, surgiu no final do século XIX e logo se tornou padrão de registro em todas as empresas do mundo. A máquina de escrever deu origem a uma nova profissão, a datilografia, em grande parte realizada por mulheres. Cursos de datilografia se multiplicaram em todas as cidades e saber escrever a máquina era quase tão importante quanto ler e escrever. Na segunda metade do século XX, surgiram as máquinas de escrever elétricas e depois as eletrônicas que tiveram vida curta com a popularização dos computadores.

Cesteiro

O cesto serve para transportar ou guardar alimentos e objetos de todo tipo. Era usado também para levar crianças pequenas às costas ficando preso à cabeça por uma tala. O cesto é feito de fibra vegetal entrançada como vime, junco e palha ou mais modernamente de plástico. A técnica do trançado era conhecida pelos povos indígenas do Brasil e de toda América. Com a mesma técnica também eram feitas peneiras, armadilhas para caça e pesca, redes, objetos de adorno pessoal etc.

Costureira

Costurar as roupas da família foi tarefa feminina muito antes de surgir a máquina de costura, inventada em 1851 por um mecânico de Nova York chamado Isaac Merrit Singer. A máquina de costura agilizou o trabalho e tornou possível a produção em massa de roupas. Os homens também se ocupavam dessa função se destacando como alfaiates e camiseiros. A costura foi o meio de sustento de milhões de mulheres que podiam exercer esse trabalho em casa junto com a rotina doméstica e o cuidado com os filhos. Uma das formas mais antigas de *home-office* que existe.

Guarda-chaves

Era o empregado ferroviário encarregado de manejar a chave (espécie de alavanca) que permitia desviar os trilhos do trem nos cruzamentos e ultrapassagens. Uma pequena distração poderia provocar um acidente de grandes proporções. Mais tarde surgiu a chave de duplo controle acionada eletronicamente por controle remoto.

Leiteiro

Era o entregador de leite em garrafa ou em lata de alumínio. Deixava o leite na porta das casas antes mesmo de amanhecer para garantir que as famílias tivessem o produto logo de manhã. Muitos leiteiros forneciam, também, ovos e queijos. O trabalho tinha que ser rápido, pois o tempo de conservação do leite é pequeno. A atividade foi praticada até o início da década de 1950, quando entrou em decadência devido a popularização do leite em pó (fabricado no Brasil desde 1928 pela Nestlé) e depois com a expansão das embalagens longa-vida (introduzidas no Brasil em 1957).

Engraxate

Em uma época que os homens estavam sempre de terno e sapatos de couro, manter os calçados limpos e brilhantes era quase uma exigência, além de sinal de elegância. Para isso, valiam-se dos serviços dos engraxates, meninos de 7 a 12 anos que se postavam perto dos bancos das praças. Assim que alguém se sentava, ele oferecia seu serviço: *“Vai graxa aí, seu doutor?”* Da caixa o menino retirava graxa, escovas e flanelas e, em poucos minutos, o freguês tinha seus sapatos engraxados e lustrados. O serviço custava alguns centavos, e ao final do dia, o menino voltava para casa com algum dinheiro que ajudava a completar o orçamento da família.

Padeiro ambulante

As padarias ou panificadoras surgiram no Brasil no século XIX, começando pelo Rio de Janeiro, então a capital do país. O padeiro começava a trabalhar de madrugada e a primeira fornada de pão saía cedinho, ao amanhecer. O padeiro enchia uma cesta com os pães, colocava na carroça puxada por um cavalo e ia entregá-los de porta em porta. Anunciava sua chegada apertando a borracha de sua buzina. As donas de casa vinham correndo para escolher as melhores bengalas ou filão, como era chamado. Pãozinho como hoje, só sob encomenda. No meio da tarde, o padeiro voltava trazendo também pães doces, recheados com creme e cobertos de coco ou glacê de açúcar.

Lambe-lambe (fotógrafo ambulante)

O fotógrafo lambe-lambe é um profissional ambulante que exerce a sua atividade nos espaços públicos como jardins, parques, praças e feiras. Esses profissionais surgiram no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Eram sempre procurados para registrarem momentos especiais, familiares ou para tirar retratos para documentos. O ofício do fotógrafo lambe-lambe é considerado, desde 2012, bem cultural imaterial pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico) de Minas Gerais.

Jornaleiro

Vendedor de jornais de rua que, para chamar a atenção dos clientes, gritava a notícia do dia começando pelo pregão “*Extra! Extra!*”. Eram meninos de 8 a 12 anos, às vezes, mais novos, com 6 -7 anos de idade. Chegavam ainda de madrugada nas oficinas tipográficas e muitos dormiam na porta da oficina esperando os jornais saírem. Recebiam um pacote de jornais, no volume que pudessem carregar, que colocavam debaixo do braço e corriam as ruas para vender. Alguns jornais tinham edições lançadas no final da tarde, o que obrigava os pequenos a trabalharem no início da noite. Os meninos jornaleiros desapareceram com a difusão dos quiosques, bancas e outros meios de distribuição de jornais.

Limpador de trilho

Era o profissional responsável por limpar os trilhos dos bondes retirando objetos que pudessem provocar o descarrilamento. Além de observarem eventuais defeitos ou problemas nos trilhos, os limpadores caminhavam com um tambor de óleo nas costas para manter as linhas de trilhos lubrificadas.

Telefonista

Era a responsável por realizar as chamadas telefônicas em uma central telefônica. No início, as ligações telefônicas não eram diretas, fossem nacionais ou internacionais; era preciso pedir para a telefonista fazer a ligação e ficar aguardando que ela retornasse e repassasse a ligação pedida. Em cada central telefônica trabalha uma ou várias telefonistas. Desde o início da história do telefone, as mulheres foram escolhidas para essa função, pela gentileza e doçura de sua voz. Entre as qualidades exigidas da telefonista estava a rapidez e agilidade na hora de manejar os cabos e total discrição pois ela podia ouvir tudo o que era conversado.

Cocheiro de transporte escolar

Crianças de famílias ricas estudavam em escolas particulares caras e algumas delas ofereciam transporte escolar como o Colégio *Des Oiseaux*, em São Paulo, escola só para meninas (foto de 1910). O cocheiro passava com a carruagem puxada por dois cavalos nos palacetes para buscar as meninas e levá-las para a escola; terminada as aulas, fazia o caminho inverso. As crianças de famílias pobres iam para a escola a pé, mas raras terminavam os estudos.

Vassoureiro

Vendedor ambulante de vassoura de piaçava, esfregão e espanador de penas era o ofício de muitos homens sendo que, alguns deles, eram os próprios fabricantes do que vendiam. Levando uma certa quantidade de vassouras e outros produtos nas costas, nos ombros e nos braços, o vendedor percorria as ruas gritando “*Vai vasouôôôôra e espanadoooooor!*”.

Vendedor de leite de cabra

“Olha o leite de cabra! Leite de cabra fresquinho, quentinho, tirado na hora! Olha o leite de cabra” gritava o vendedor e sua voz misturava-se ao som dos badalos que os animais tinham no pescoço. As mães traziam um copo ou caneca e o vendedor ordenhava a cabra ali mesmo, na frente de casa. Em São Paulo, essa profissão durou até 1934 quando um decreto estadual proibiu a ordenha nas vias públicas. Ele continuou ocorrendo em outros estados por mais alguns anos até ser proibido por questões sanitárias.

Doceiro ambulante

O doceiro colocava sua vitrine portátil em uma praça, parque ou rua onde circulassem famílias com crianças e tocava sua gaita de boca. O som era conhecido pela criançada que sabia que tinha coisa gostosa para comer. A vitrine podia mostrar quitutes variados ou uma única especialidade: sonho, cocada, quebra-queixo, pé-de-moleque etc.

Vendedor(a) de bilhete de loteria

A loteria existe no Brasil desde os tempos coloniais, a primeira que se tem notícia, surgiu em 1784 em Vila Rica. Mas o funcionamento das loterias só foi regulamentado em 1844, por D. Pedro II. Na cidade de São Paulo, SP, uma lei de 1911 regulou a profissão de vendedor ambulante de bilhete de loteria: maior de 18 anos, ter carteira de identidade e portar a licença expedida pela prefeitura, e ainda estabelecia quais os locais ele poderia circular para oferecer o bilhete. Em 1961, o então presidente Jânio Quadros determinou que o Governo Federal seria o único responsável pela realização de loterias e que o sistema de sorteios seria administrado pela Caixa Econômica Federal.

Vendedora de miudeza

Era, em geral, mulher, a maioria imigrante, que saía pelas ruas levando uma cesta de vime cheia de objetos pequenos, de pouco valor, como agulhas, alfinetes, linhas, botões, fitas, cadarços e outros aviamentos para costura e bordado.

Lavadeira

Pela manhã, logo cedinho, a lavadeira passava nas casas de suas clientes e recolhia as roupas a serem lavadas. As peças eram distinguidas por marcas bordadas pela proprietária: as iniciais da família, pequenas estrelas, flores etc. As roupas eram juntadas em uma grande trouxa que a lavadeira equilibrava na cabeça e seguia a pé até o rio ou riacho onde se reunia com outras colegas do mesmo ofício. Ajeitava uma tábua na margem e, de joelhos, lavava peça por peça usando sabão feito de cinzas. A última aguada na roupa recebia folhas de laranjeira para perfumar a roupa.

Vendedor de taboca ou beiju

Taboca, beiju ou chegadinha (“chegadim”) é o nome de um biscoito fino, delicado em forma de tubo que desmancha na boca. Feito de farinha de mandioca, açúcar e água, é assado em uma prancha de ferro, e depois moldado em um cabo de vassoura. Com os biscoitos colocados em um tambor de lata, o vendedor ia às ruas para vendê-los e anunciava a sua presença tocando o triângulo de ferro ou batendo a matraca (placa de madeira com uma peça de metal solta que batia na madeira).

Reparador de urnas eleitorais

Era o funcionário público responsável pela manutenção das urnas que, no passado, eram caixas de madeira com uma abertura por onde se inseriam os votos. Antes de cada eleição, as urnas eram vistoriadas, consertadas se necessário, pintadas e/ou envernizadas. As urnas de madeira eram pesadas e de difícil manuseio. Foram usadas até a década de 1960 quando foram substituídas pelas urnas de lona. As urnas eletrônicas só surgiram em 1996, primeiro nas capitais e, a partir de 2000, para todas as zonas eleitorais do país.